

A equação que a palha me ensinou

Raimundo Santos de Castro

São Luís, Maranhão, Brasil

raicastro@ifma.edu.br

Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - SP

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Departamento de Matemática

<https://orcid.org/0000-0001-6762-836X>

Era uma noite de quinta-feira. Eu estava na lousa — giz na mão, fórmulas e mais fórmulas desenhadas com a precisão de quem acredita que a clareza dos traços, por si só, pode iluminar alguma coisa. Dois alunos dormiam. Um terceiro olhava para a janela com aquela expressão de quem já partiu — talvez para o terreiro da avó, talvez para a roça do pai. Eu continuava falando.

Naquele semestre, eu ensinava matemática em um curso do PROEJA em Logística. Os estudantes chegavam às aulas com marcas que diziam mais que qualquer diagnóstico pedagógico: calos nas mãos, terra sob as unhas, o cheiro persistente de sol e trabalho. Eu chegava com o livro didático e uma convicção silenciosa — a de que minha tarefa era traduzir para eles aquela linguagem que eu aprendera a chamar de universal, neutra, atemporal: a Matemática. Não me ocorria, então, perguntar de qual mundo era a matemática que eu ensinava.

A mudança não veio como revelação grandiosa. Veio como quase tudo que transforma: discreta, cotidiana.

Uma aluna — chamarei aqui de Dona Conceição, nome herdado da avó de quem falava sempre com respeito — apareceu um dia com uma esteira de palha no colo. Terminava o trançado durante o intervalo, com a naturalidade de quem pensa com as mãos. Perguntei, mais por curiosidade do que por método, quantos fios ela utilizava em cada fileira.

Ela me olhou por um instante. Não com estranhamento, mas com uma espécie de silêncio que depois compreendi melhor.

— Não conto por fio, professor. Conto pelo nó.

A resposta ficou suspensa no ar como algo que eu ainda não sabia ouvir. Eu havia passado semanas ensinando sequências numéricas sem jamais perguntar que sequências aqueles estudantes já carregavam em seus corpos, em suas práticas, em suas histórias. Havia ali uma lógica — rigorosa, eficiente, viva — que não passava pelos meus livros.

Naquela noite, voltei para casa com um incômodo novo. Não era dúvida sobre um conteúdo. Era algo mais profundo: a suspeita de que o mapa com o qual eu ensinava não dava conta do território em que meus alunos viviam. Reabri textos que havia lido sem que eles me atravessassem. E, ao reler D'Ambrosio, percebi que não se tratava de incluir exemplos “do cotidiano” na aula, mas de algo mais exigente: questionar quem define o que conta como conhecimento legítimo.

No dia seguinte, mudei as perguntas.

Em vez de problemas sobre trens que partem de cidades distantes, comecei a perguntar: como se calcula a quantidade de ração para um rebanho? Como se decide o tempo de queima de um forno de cerâmica? Como se organiza o trançado de uma esteira para que ela não se desfaça?

As respostas começaram a aparecer — não como conteúdos prontos, mas como narrativas, gestos, estratégias. A sala mudou. Ou talvez tenha sido eu que tenha aprendido a vê-la de outro modo. A matemática deixou de ser apenas algo a ser transmitido e passou a ser algo a ser reconhecido. Foi assim que compreendi, na prática, algo que antes eu tratava como conceito: a transdisciplinaridade não é a soma de disciplinas. É o deslocamento que nos obriga a sair dos limites que nos parecem naturais. É a disposição de escutar o que não cabe nos quadros da lousa.

Dona Conceição não cursou pós-graduação. Mas foi com ela que aprendi que há saberes que não se escrevem em fórmulas, embora sejam rigorosos; que não se organizam em capítulos, embora sejam sistemáticos; que não cabem em avaliações, embora sejam

profundamente formativos. A esteira de palha permanece na minha memória. E o nó — esse modo de contar que eu desconhecia — passou a me acompanhar como pergunta permanente: que matemática deixamos de ver quando só reconhecemos aquela que aprendemos a nomear?

Não encontrei ainda uma resposta definitiva. Mas desde então, sempre que entro em sala de aula, procuro escutar antes de explicar. Porque talvez ensinar matemática comece justamente aí: no reconhecimento de que ela já está, de muitos modos, em quem aprende.

A equação que a palha me ensinou

The Equation That the Straw Taught Me

La ecuación que aprendí de la paja

Resumo

Esta crônica, situada na Educação Profissional e Tecnológica, narra a experiência de um professor de matemática que, ao reconhecer os saberes de uma estudante do PROEJA oriundos da produção artesanal, questiona a concepção tradicional da matemática como conhecimento universal e neutro. Fundamentada na Etnomatemática e na Transdisciplinaridade, a narrativa reflete sobre a necessidade de reconhecer os conhecimentos socioculturais dos estudantes como ponto de partida para o ensino, defendendo práticas pedagógicas mais abertas ao diálogo, à escuta e à valorização da diversidade de saberes.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Educação Profissional e Tecnológica. Saberes incorporados. Prática docente.

Abstract

This chronicle, set in the context of Professional and Technological Education, narrates the experience of a mathematics teacher who, after recognizing the artisanal knowledge of a PROEJA student, questions the traditional view of mathematics as universal and neutral. Grounded in Ethnomathematics and Transdisciplinarity, it reflects on the need to acknowledge students' sociocultural knowledge as a legitimate starting point for teaching, advocating educational practices based on dialogue, attentive listening, and the appreciation of diverse forms of knowledge.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Professional and Technological Education. Embodied knowledge. Teaching practice.

Resumen

Esta crónica, situada en el contexto de la Educación Profesional y Tecnológica, narra la experiencia de un profesor de matemática que, al reconocer los saberes artesanales de una estudiante del PROEJA, cuestiona la concepción tradicional de la matemática como conocimiento universal y neutral. Fundamentada en la Etnomatemática y la Transdisciplinarietà, reflexiona sobre la necesidad de reconocer los conocimientos socioculturales de los estudiantes como punto de partida para la enseñanza, promoviendo prácticas pedagógicas basadas en el diálogo, la escucha y la valoración de la diversidad de saberes.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinarietà. Educación Profesional y Tecnológica. Saber incorporado. Práctica docente.